

DA CONSTRUÇÃO DO LEITOR EM *O POLACO* DE J.M. COETZEE À RECEÇÃO ESTÉTICA – MODOS DE LER NUM CLUBE DE LEITURA

FROM THE CONSTRUCTION OF THE READER IN J.M. COETZEE'S *THE POLE* TO AESTHETIC RECEPTION – WAYS OF READING IN A BOOK CLUB

Recebido em: 11 de junho de 2026
Aprovado em: 14 de agosto de 2026
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RCO | a. 18 | v. 2 | p. 223-236 | jul./dez. 2026
DOI: <https://doi.org/10.25112/rcodis.v2.4805>

Maria José Gamboa mjgamboa@ipleiria.pt

Doutora em Didática pela Universidade de Aveiro (Aveiro/Portugal). Professora na Universidade de Leiria e Oeste/Portugal. CI&DEI.



RESUMO

O artigo que se apresenta emerge do reconhecimento do prestígio artístico e cultural da literatura, do seu valor educacional e da centralidade que o ato de ler narrativas ficcionais tem vindo a ocupar nas atividades humanas, nomeadamente no âmbito dos clubes de leitura. Objetiva-se, no quadro teórico da estética da receção, em particular do modelo transacional e dialógico da leitura, interrogar os modos ficcionais de reconstrução leitora da experiência humana ficcionada na obra *O Polaco* de J.M. Coetzee. Dar-se-á destaque ao seu potencial efeito de adesão emocional e à reflexão de natureza metaliterária feita por leitores de um clube de leitura e de escrita de uma universidade portuguesa. O estudo revela que os participantes, num registo marcado pelo espanto da descoberta, dão conta de movimentos de resistência, identificação, distanciamento e problematização que orientam a sua experiência estética e hermenêutica, abrindo-se à possibilidade de interiorização de modos ficcionais de ler a narrativa, através da mobilização de estratégias de interpretação e de colaboração dialógica, potenciadoras da fruição leitora e da descoberta de si e dos outros.

Palavras-chave: Clube de leitura. Fruição leitora. Leitura literária

ABSTRACT

This article is premised on the recognition of literature's enduring artistic and cultural significance, its educational potential, and the pivotal role that engagement with fictional narratives occupies in contemporary human experience, particularly within the dialogic space of book clubs. Framed by reception aesthetics and informed by the transactional and dialogic model of literary reading, the study explores the fictional modes through which readers reconstruct fictionalised human experience in J. M. Coetzee's *The Pole*. It focuses on the novel's capacity to evoke aesthetic and emotional engagement and analyses the metatextual reflections articulated by members of a university reading club in Portugal, thereby illuminating the interpretive processes that shape readers' literary experience.

The findings indicate that, within a context characterised by the wonder of discovery, participants engage in processes of resistance, identification, distancing, and problematisation that shape their aesthetic and hermeneutic engagement with the text. These processes foster an openness to the internalisation of fictional modes of reading through the mobilisation of interpretive strategies and dialogic collaboration, thereby enhancing both the pleasure of reading and the construction of self-understanding and understanding of others.

Keywords: Book club. Aesthetic reading. Literary reading



1 INTRODUÇÃO

Se todo o ato narrativo é veículo de transmissão da experiência humana, a narrativa literária, enquanto lugar de representação simbólica, artística da realidade e de comunicação, afirma-se como possibilidade de expressão da experiência pessoal e coletiva, de conhecimento em geral e da experiência humana em particular e, portanto, de construção do encontro do leitor consigo e com o humano, num diálogo que abre para a possibilidade de uma relação transformadora.

Escrever e ler narrativas literárias constituem, pois, práticas de comunicação e de possibilidade de encontro, construídas por meio da exploração de uma gramática ficcional que será tão mais sedutora, do ponto de vista da adesão estética (Rosenblatt, 1995), quanto melhor o leitor conhecer o sistema literário, os códigos e as estratégias de natureza literária e cultural encenadas nas obras. Esta adesão emocional e estética, sendo ficcionalmente construída pelo escritor, a partir da exploração de um leitor modelo (Eco, 2019), torna-se, conseqüentemente, mais sofisticada e com potencial de transformação para o leitor quando este progride no conhecimento do sistema literário, dos seus códigos e sistemas semióticos, assim como dos procedimentos técnico-narrativos, semântico-pragmáticos e dos recursos retórico-estilísticos explorados pelo autor.

A investigação tem vindo, também, a reforçar a ideia de que o desenvolvimento de competências de leitura literária, potenciador de maior fruição estética, amplia-se na conjugação de práticas de leitura colaborativa, realizadas no âmbito de comunidades leitoras. Neste sentido, os clubes de leitura afirmam-se cada vez mais como lugares de construção de competências pessoais e sociais, associadas ao prazer de ler e de discutir leituras (Álvarez-Álvarez, 2019; Gamboa, 2020) e como dispositivos potenciadores do desenvolvimento de competências finas de interpretação e de fruição leitora socializada (McMahon & Raphael, 1997; Martos-Núñez & Campos Fernández-Fígares, 2013).

Conseqüentemente, apresentam-se no âmbito deste artigo caminhos de resposta para questões orientadoras da leitura realizada pelos participantes de um clube de leitura e de escrita (CLE 60+), tendo presente a sua importância para o desabrochar de uma reflexão sobre os motivos que tornam a narrativa *O Polaco* de Coetzee (2023) numa história que vale a pena ser contada e lida. Ou outro modo de dizer: como é convocado, atraído e (des)construído o leitor desta narrativa? Como é representada e encenada a vida e que capital de identificação e problematização se oferece ao leitor? E como adere o leitor às propostas de leitura construídas? Poderá a leitura, no âmbito de uma comunidade de leitores, potenciar o exercício da interpretação hermenêutica?



Para responder às questões enunciadas e tendo por referência o quadro teórico da estética da recepção, procuraremos sistematizar a reflexão de natureza metaliterária que a narrativa de J.M. Coetzee potencia e os modos de recepção da obra por parte dos leitores do clube de leitura e de escrita.

2 QUADRO TEÓRICO: DA LITERATURA E DA LEITURA EM REDE – OS CLUBES DE LEITURA COMO LUGARES DE FRUIÇÃO

Por muitos considerada, erradamente, sem valor de mercado, a literatura e a sua leitura continuam, no século XXI, a afirmar-se como práticas humanas intemporais e, ao arrepio de uma morte tantas vezes anunciada, desafiam a novas formas de encontro, de discussão e de aprendizagem, tornando urgente a sua presença na vida das pessoas. Efetivamente, ontem como hoje, reconhecem-se os valores formativos da leitura de literatura e as suas potencialidades para o desenvolvimento individual e das sociedades e para a sua construção identitária, fundada no conhecimento crítico de si e do mundo, do passado e do presente, num sentimento de enraizamento e sentido de pertença a um mundo cada vez mais global (Rosenblatt, 1995; Cândido, 2004; Silva, 2010; Ordine, 2016; Nussbaum, 2019; Compagnon, 2024).

Como afirmam os defensores de uma educação literária ao longo da vida, pressupondo um entendimento das pessoas como «leitores em construção» (Castro & Sousa, 1998), «(...) a literatura ajuda a viver, a dar sentido às nossas vidas, fala da experiência humana, alarga o nosso universo de pensar e sentir adotando o seu ponto de vista.» (Petit, 2020, p. 182).

Se reconhecemos o valor simbólico, artístico, cultural e educativo da literatura e da leitura literária, no quadro de uma cultura de base humanista (Silva, 2010; Ordine, 2016; Nussbaum, 2019), importa ter presente que estes emergem também da dinâmica da criação ficcional e da sua recepção leitora, intimamente ligadas às emoções. Estas são centrais na experiência literária quer do ponto de vista da criação, quer do ponto de vista da recepção leitora.

Efetivamente, na esteira da estética da recepção e de uma hermenêutica literária (Jauss, 1990), o escritor de obras literárias constrói semioticamente universos ficcionais, cria artisticamente uma adesão emocional, um sentir, que se redimensiona depois no ato de leitura. Rosenblatt (1995), na sua teoria transacional de leitura, dá conta de um processo de criação artística a que os leitores aderem com respostas transacionais de natureza *eferente* e *estética*, sublinhando como este processo transacional pode ser transformador do leitor.

A esse movimento de representação e de comunicação relacional encetado pelo escritor, através da criação artística, explorando a capacidade de as personagens gerarem emoções (Reis & Grünhagen,



2021), os leitores, destinatários dessa construção intencional da arte pela palavra, leem para sentir, para experienciar, para ser outros, viver esteticamente, emocionalmente, outras possibilidades de vida e, assim, ter a possibilidade de posicionar-se e reinventar o mundo em que se movimentam.

A este quadro teórico importa, igualmente, dar destaque à relevância da leitura no âmbito de comunidades leitoras, especificamente de clubes de leitura em que a leitura emerge não como exclusivamente circunscrita à esfera pessoal e privada, mas como um processo dialógico, intersubjectivo de reconstrução interpretativa dos textos, através da interação com os outros, estimulada por um mediador, numa lógica de construção coletiva de significados e de transação estética socializada (McMahon & Raphael, 1997; Álvarez-Álvarez, 2019).

É justamente no respaldo deste quadro teórico que nos propomos apresentar o percurso de leitura realizado pelos leitores do CLE 60+. E o ponto de partida, o estímulo inicial, é a última obra de J.M. Coetzee, *O Polaco*.

3 METODOLOGIA

O estudo assume a forma de uma investigação exploratória de natureza qualitativa, desenvolvida no âmbito de um projeto de observação participante (Coutinho, 2015) com estudantes universitários do Programa 60+ que, desde 2010, integram o clube de leitura e de escrita (CLE60+). A recolha de dados decorreu ao longo de duas sessões do clube de leitura e de escrita, envolvendo seis participantes, leitores ativos numa comunidade interpretativa que se constitui como espaço de diálogo, questionamento e construção conjunta de sentidos por meio da leitura, discussão e exercícios de escrita. Após a leitura individual da obra *O Polaco* de J.M. Coetzee, os participantes partilham as suas impressões leitoras, nas sessões do clube, com a presença mediadora da professora investigadora, autora do artigo e elemento do CLE60+. As reflexões provocadas no processo de mediação e construídas com os participantes, registadas em notas de campo ao longo das sessões, bem como as duas cartas escritas ao autor, por duas participantes do clube (A. e B.), são tomadas por referência para mapear os modos de adesão à narrativa. O estudo procura, assim, responder à questão central de como é convocado, atraído e (des)construído o leitor desta narrativa e como os leitores respondem ao processo ficcional proposto por J.M. Coetzee, sob mediação da investigadora.

Para tal, assumem-se como objetivos:



1. Analisar de que modo a vida é encenada na narrativa *O Polaco* de J.M. Coetzee, identificando o capital de identificação e problematização oferecido aos leitores e compreendendo os mecanismos através dos quais estes são chamados a aderir às propostas de leitura construídas;
2. Clarificar como a participação numa comunidade de leitores pode potenciar a interpretação hermenêutica, favorecendo práticas de leitura partilhadas que aprofundem o sentido e o diálogo com o texto

ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados agora apresentados dão conta da experiência leitora vivida face às propostas de adesão emocional artisticamente criadas por Coetzee, desde a reconstituição da linearidade do enredo até à (re) construção da estranheza ficcional por eles percecionada.

O primeiro dado relevante a ter em conta, neste percurso de leitura, é o de que, por si só, a aparente linearidade narrativa de *O Polaco* não parece seduzir os leitores: duas personagens, um pianista talentoso, Witold, em idade avançada, apaixona-se por Beatriz, mulher, 50 anos, que vai resistindo a um improvável jogo de sedução vivido entre seis capítulos que marcam o andamento da narrativa. Efetivamente, nos encontros realizados no âmbito do CLE, o que parece constituir um potencial capital de sedução do leitor não é o enredo linear, contado numa linguagem depurada e esquemática, organizada em segmentos de texto numerados. De facto, os participantes começam por referir a simplicidade do enredo como um dado pouco desafiante, sem, num primeiro momento, se deixarem interpelar pelo jogo literário com que Coetzee convoca o leitor. A progressiva atração e adesão à narrativa ganham densidade por via do questionamento e problematização lançados no processo de mediação, dando-se, assim, destaque ao grau de incerteza e de estranheza que se vai insinuando ao longo da narrativa, quer pelas suas formas de conteúdo, quer pelas de expressão utilizadas.

Efetivamente, a estranheza atravessa a narrativa, desde logo através da exploração de estratégias de construção ficcional com potencial impacto nos leitores, e que estes progressivamente vão reconhecendo como indícios de resistência textual:

- i. A organização do livro em fragmentos textuais, numerados, apresentados numa linguagem depurada e incisiva;
- ii. Abertura enigmática da narrativa, projetando a indefinição da voz narradora;
- iii. A tematização de um amor, ou da sua impossibilidade, sob a ameaça da complexidade desafiante de amar em idiomas e idades diferentes;



- iv. A profusa presença de perguntas que atravessam as páginas do livro, nomeadamente sobre a complexidade do amor, o valor da arte, da música, da poesia, o poder da escrita epistolar e as potencialidades de encontro oferecidas pela tradução.

De facto, os leitores experienciam um efeito de estranhamento evidente na opção autoral de numerar fragmentos de texto, respondendo, desde as primeiras linhas da narrativa, ao convite de diálogo que toda a obra literária encerra, formulando, sob o estímulo da mediação, o seu espanto em tom de interrogação: o que leva o autor a marcar o ritmo da narrativa por núcleos de texto numerados? Quererá, pela forma gráfica, orientar o leitor num percurso sinuoso de descobertas?

De modo semelhante, a estranheza adensa-se, inscrevendo-se na primeira frase da obra: «1. A mulher é a primeira a causar-lhe problemas, para pouco depois se lhe seguir o homem. 2. No início ele tem uma ideia perfeitamente nítida de quem é a mulher.» (Coetzee, 2023, p. 11). É na relação de mediação feita no sentido da problematização das opções literárias, nomeadamente da identidade da voz narradora, que os leitores assumem a dúvida sobre a voz inicial da narração, se interrogam sobre ela e procuram vencer a resistência do texto, aderindo ao subtil jogo de vozes e de espaços em branco construídos pelo autor. Neste processo de problematização de sentidos, abre-se também a possibilidade de este início ser a voz de um narrador que começa a explorar a complexidade do processo ficcional e dos modos criativos hesitantes de escrever e narrar uma história. Portanto, os leitores partem para a história com o conhecimento de que existirão dois seres: uma «ela» e um «ele» *problemáticos*, não sendo revelado quem narra, mas intuindo-se de imediato a possibilidade de uma voz que partilha com o leitor os mistérios da criação ficcional e os modos de fazer ficção. Esta é, consequentemente, desde o seu início, uma estratégia com uma forte dimensão sedutora que convida a descobrir quem são os seres que «passaram o ano a bater à porta, esperando que lhes fosse permitida a entrada ou que os rejeitassem e os deixassem em paz.» (Coetzee, 2023, p. 13). Portanto, o desconcertante início da ação desafia veladamente o leitor a uma reflexão de natureza metafictional, abrindo uma possibilidade de compreensão do processo criativo como uma longa procura que as personagens fazem do escritor, explicando como estes seres de papel procuram vida na escrita ficcional. O leitor está, então, desde as primeiras páginas desafiado a seguir os passos das personagens que vão definindo a sua identidade: quem são, de onde vêm, o que pretendem, como evoluem, como ganham contornos de pessoas e poder de identificação ou afastamento por parte do leitor? Esta será uma das estratégias de conhecimento que os leitores deste clube mais mobilizam: fazer perguntas, questionar a realidade transfigurada, a visão do mundo encenada e os procedimentos técnicos usados para o fazer, procurando na tessitura textual respostas possíveis. Este movimento de interrogação é claramente visível no exercício de escrita de duas leitoras, através dos excertos agora



transcritos: «Eu sou (...) uma sua leitora e confesso que não foi fácil para mim a leitura desta sua obra *O Polaco*. (...) O senhor começa por fazer muitas perguntas e fá-lo ao longo de toda a obra. A quem faz essas perguntas?» (Excerto de carta de A. para J. Coetzee).

Efetivamente, um dos elementos de estranha sedução, como referido acima, é a construção omnipresente de um tom interrogativo, que abre espaços em branco para a reflexão do leitor sobre a natureza das duas personagens que se cruzam na sua vida pela leitura. De facto, é como se toda a ação fosse pontuada por um jogo entre intenções e tensão questionadoras que potencia caminhos de descoberta da identidade de cada personagem e vai confirmando a ideia inicial de que estes seres ficcionais não chegam ao criador pré-concebidos e fechados na sua vida ficcional, apresentando-se como seres cujas emoções são inteligíveis, mas nem sempre facilmente decifráveis.

Tematizando o processo de criação ficcional, o escritor sabe que perguntar é um modo de construção de identidade, por isso partilha com o leitor o seu processo de criação, convidando-o a acompanhar a complexa descoberta das personagens, seres em construção, explorando, assim, o potencial de envolvimento emocional que esta estratégia poderá ter no processo de receção leitora. A par da opção pela estratégia de interrogação constante, Coetzee salpica a narrativa com as vozes, os pensamentos das personagens, marcando a sua presença plural, ora identificada, através do discurso direto, ora em pensamentos não verbalizados, através do uso do itálico que serve não raras vezes de contraponto às afirmações feitas. No polo da receção, o processo de reflexão, construído nas sessões do clube, sobre as opções técnicas da narração e do uso de implícitos e do itálico leva os leitores a perceber que a história que se vai contar nasce de um impulso de interrogação constante. É uma narrativa contada por quem nela entra: narrador, vozes das personagens e a voz construída do leitor que, implicitamente, é convidado a participar no jogo narrativo.

A opção pela construção de modos ficcionais da estranheza humana, em *O Polaco* de J.M. Coetzee, insinua-se não só pela ambiguidade das vozes narradoras a que demos destaque anteriormente, mas também na forma como o autor tematiza o amor entre dois seres, cujo processo de enamoramento seria eventualmente pouco expectável, uma vez constatadas as suas diferenças de idade, gostos pessoais e idiomas que não partilham. Assim, no jogo da atração de Witold por Beatriz e da repulsa inicial desta, os leitores deste clube acompanham as indecisões e avanços das duas personagens em busca da(s) (im) possibilidade(s) do amor.

Neste processo de busca de si e do outro numa relação pouco expectável, a opção pela estratégia interrogativa e pelo diálogo, em discurso direto, portanto, a que não raro se associam os pensamentos não verbalizados em itálico, parece não ser inocente, como referido.



De facto, a par da profusão das perguntas que atravessam as páginas do livro, a presença de momentos fortes de diálogo entre as personagens confere à narrativa um tom de interrogação sobre os núcleos temáticos que a atravessam. Efetivamente, sendo o diálogo um elemento constitutivo da narrativa e do modo de construção das personagens, verificamos em *O Polaco* a exploração da estratégia questionadora, convidando-se o leitor a ler o que as personagens pensam e dizem sobre o lugar do amor, da música, da felicidade, da poesia, e dos amantes na construção do humano consigo e com os outros, e sobretudo a perceber como a estratégia interrogativa pode ser uma opção que indicia a dificuldade de verdadeiramente ler o outro e de o compreender. A adesão emocional e o posicionamento crítico dos leitores tornam-se evidentes, tendo este modo de ler constituído um tempo forte de partilhas no âmbito do clube, de que o excerto de uma carta escrita por uma leitora a Witold é exemplificativo: «Caro senhor Witold (...) onde quer que esteja/Acabo de ler a sua história através da leitura do livro de J.M. Coetzee – *O Polaco*. O livro acaba com um pensamento de Beatriz para si: Boa noite, meu príncipe, são horas de dormir. Fiquei a pensar nesta frase e perguntei-me: será que Beatriz e Witold queriam ser príncipes da vida um do outro? Apesar das diferenças, dos desejos e do que a vida vos propunha, os dois queriam o imaginado, o que procuravam, o amor. (...) O vosso encontro em Girona acaba por ser o começo da resposta às vossas inquietações.» (Excerto de carta da leitora B. dirigida a Witold).

Efetivamente, Coetzee coloca o leitor em estado de procura da compreensão das personagens e da transformação amorosa que vivem, mas também em estado de procura de si no espelho da obra lida.

O leitor acompanha, assim, uma das questões centrais que animam o diálogo entre as personagens, enamoradas ou a caminho do amor, feita por Beatriz a Witold logo no início da narrativa: «Então qual é o sentimento mais importante, Witold? Se a felicidade não é importante, O que é importante?» (Coetzee, 2023, p. 24). A resposta aponta caminhos diversificados sobre o que importa e move o humano a viver, com sentido, a vida que lhe foi calhando: «Eu sou músico, diz o polaco. Para mim o mais importante é a música.» (Coetzee, 2023, p. 24).

Não esgotando as possibilidades de resposta, a pergunta sobre o que é a felicidade, associada ao sentimento mais importante na vida do humano, constitui um modo de o leitor ir descobrindo modos diferenciados de viver, através da enunciação plural das descobertas e reflexões que as personagens vão fazendo à medida que a ação avança, como se a descoberta de si, enquanto pessoa, fosse um processo instigado pela intensa formulação interrogativa. De facto, as perguntas ajudam a descobrir quem somos e quem desconhecíamos ser ou poder fazer: «O que é a felicidade?», «Como cair na patetice de se apaixonar por um velho?» (Coetzee, 2023, p. 47) «Porquê ela?» (Coetzee, 2023, p. 48), «Minha querida senhora, não tenho palavras. Nem palavras em inglês, nem palavras em língua nenhuma. Mas



gratidão sim.» (Coetzee, 2023, p. 68), «O que é o tempo? O tempo não é nada. Temos a nossa memória. Na memória não há tempo. Conservá-la-ei na minha memória» (p. 69), «O que quer o homem, o que quer ela?» (Coetzee, 2023, p. 73).

Ora, esta profusão de interrogações, que convida o leitor a posicionar-se criticamente também sobre as estratégias usadas para convocar a sua atenção hermenêutica, não fica sem a resposta dos leitores deste clube, quer na partilha oral, quer no exercício de escrita de cartas, ora aderindo, ora afastando-se das mundividências que atravessam a obra, como se torna evidente nos dois excertos a seguir transcritos: «Será que Witold se apaixonou mesmo ou era uma paixão platônica, daquela de fim de linha? A verdade é que ele não era amado por Beatriz (...). Mas após a morte dele, Beatriz começou a interessar-se por tudo o que ele lhe deixou. Esta sua atitude também me confundiu.» (Excerto de carta da leitora A. dirigida a J.M. Coetzee). «Senhor Witold, desejo que descanse em paz e que guarde em si o amor por Beatriz.» (Excerto de carta da leitora B. dirigida a Witold).

O persistente exercício de interrogação não deixa de criar um efeito de estranhamento nos leitores, exigindo, consequentemente, um leitor atento para não perder o fio condutor da narrativa. Intuindo talvez a necessidade de facilitar a leitura, o escritor (Coetzee, 2023, p. 91) oferece ao leitor uma tentativa de síntese da história, pela voz de Beatriz, que a reescreve e fixa para si própria, de forma a entender o que viveu com Witold, e que é coincidente com a que vem sendo contada, focalizada sobretudo a partir da sua perspectiva. O leitor acede mais uma vez ao pensamento e ação de Beatriz, mas, ainda assim, o que esta opção parece sugerir é que o que foi contado pode não coincidir com o que se viveu, prolongando-se o convite ao leitor para procurar o outro lado da história contada, através do acesso ao pensamento de Witold. Compreender a experiência de vida das personagens é, portanto, um desafio que leva o leitor a perceber que o que uma personagem diz que vive não é necessariamente coincidente com o que a outra percebe dessa vivência. Perguntar é um exercício hermenêutico, um caminho de procura de respostas para essa complexidade. Assim, a par das perguntas, o leitor pode fazer eco delas em si e/ou elaborar as suas próprias perguntas, num movimento alinhado entre o que ele experiencia como pessoa e o que vivem ficcionalmente as personagens com quem se cruzou na leitura.

Nesta linha, sobre o amor como lugar para a construção plena do humano, os leitores, participantes do clube, vão partilhando a sua compreensão da obra, dando conta de que a diferença de idade, de gostos, de língua pode ser impeditiva do amor, dividindo-se também na opinião de que o amor é a única via para a felicidade. Pode o amor ser alcançado por outras vias? Pode a arte, a escrita poética, ser um caminho para ir construindo, amorosamente, a vida e procurando sentido para a inevitabilidade da morte? Por que Witold escreveu o seu caderno de poesia? Pode a arte ou a escrita ser um modo de viver amorosamente?



Qual o sentido da opção final de Beatrice em escrever cartas a Witold, estando ele morto? Será este um caminho para sugerir que a escrita é uma forma de autodescoberta e de figuração ficcional da experiência vivida? Estas foram questões levantadas pela leitura de *O Polaco* nas sessões do clube, a que os leitores foram respondendo, ora num registo mais pessoal, ora mais técnico, mobilizando experiências pessoais, conhecimentos culturais e literários.

De facto, sob o impulso da mediação e da partilha, num exercício pessoal e coletivo, redescobre-se, com prazer, que a arte, a poesia e a escrita, olhadas quer numa perspetiva de receção quer de produção, constituem caminhos possíveis para a construção do humano e de procura de sentido para a sua inevitável finitude.

Outro dado revelador do progressivo percurso de leitura feito por estes participantes é o modo como, colaborativamente, reconhecem, na narrativa (re)lida, marcas veladas de intertextualidade. Dante Alighieri, Beatrice e a idealização espiritual e poética do amor emergem na tessitura narrativa de *O Polaco* e constituem uma chave de leitura que densifica a compreensão da obra e, consequentemente, potencia a adesão emocional e a fruição leitora, partilhadas nos encontros do CLE 60+.

Os leitores foram, efetivamente, capazes de reconhecer sobretudo depois da discussão em grupo, algumas marcas de intertextualidade com a obra de Dante Alighieri, nomeadamente através da presença do poeta Dante, que Witold muito aprecia e que o inspira a escrever um caderno de poemas para Beatriz. A projeção deste universo poético na vida de Witold e nas vidas dos leitores revela-se também no nome com que este passa a nomear Beatriz - Beatrice - numa clara alusão à musa de Dante, abrindo-se mais uma vez espaço para o leitor elaborar questões para si: por que acaba Beatriz a assinar a última carta escrita para Witold, como Beatrice? Será que se propõe pensar a plena vida/felicidade como algo inalcançável? Será Beatriz a mediadora, o caminho para essa viagem de idealização? A resposta às perguntas que emergem da discussão da obra, encontra-a o leitor no capítulo seis, pontuada de cartas, como se a escrita de Beatriz, agora figurada em *Beatrice* recuperasse o vivido com Witold, prolongando a descoberta de si e do outro e a construção da sua identidade e do enamoramento progressivo «Boa noite, meu príncipe (...) "voltarei a escrever.» (Coetzee, 2023, p. 149).

A estranheza de prolongar, pela escrita, o diálogo intertextual entre Beatriz/Beatrice e Witold, «meu príncipe» já morto, convoca mais uma vez o leitor na procura do sentido para o gesto mediador da escrita. E, assim, a vida das duas personagens, conquistadas ao escritor para matéria ficcional, ganha novo fôlego, na voz de uma narradora, que a partir da sua escrita epistolar, prolonga a experiência vivida - uma experiência que alcança um horizonte universal e que, à semelhança de Beatriz e Dante, vive para além da morte física e das páginas de papel. Estes leitores percebem, assim, que a linguagem poética vivida



pela leitura e pela escrita, assumida pela personagem, surge como resposta à complexidade do humano para leitura e uso vário dos leitores que a desejarem ler.

Um último elemento de estranheza que constrói e convoca a atenção do leitor insinua-se na obra e, de algum modo, prolonga-se fora dela, desde logo pela opção de Coetzee em editar *O Polaco* em espanhol e não em língua inglesa, sua língua materna.

Não é estranha ao autor a importância da tematização da língua como lugar de (des)encontro e o elogio da tradução como modo de atenuar a distância e de possibilitar a compreensão da complexidade dos sentimentos e do entendimento entre humanos. Também neste seu mais recente livro essa dimensão é explorada. Beatriz e Witold não partilham o mesmo idioma materno. Apenas um inglês pouco fluente parece permitir-lhes uma aproximação à expressão do vivido. Portanto, razões de ordem cultural e linguística marcam a resistência amorosa.

Ora, à falta de uma língua universal partilhada, em *O Polaco*, se a música e a poesia, a arte, configuram um modo de potenciar o entendimento entre humanos, também a tradução se destaca como possibilidade de encontro: «(...) eu traduzo-lhe os poemas e depois a senhora é que decide o que eles querem dizer.» (Coetzee, 2023, p. 117).

É a leitura da tradução dos poemas, escritos em polaco, para Beatriz, que permite aprofundar o encontro amoroso. Um encontro prolongado pela promessa de escrita futura, por parte de Beatriz, na última página do livro. Efetivamente, depois de ter viajado ao longo de seis capítulos e das 149 páginas do livro, o leitor naturalmente vira a página final e descobre o vazio gráfico. Face ao vazio da última página não escrita, da narrativa não fechada, o leitor não pode senão prolongar o impulso de comunicação, interrogando-se e respondendo, preenchendo o espaço em branco, num esforço de conjugação e de recuperação da sua experiência leitora. Mais uma vez, os leitores não ficam indiferentes ao convite para, em rede, na partilha entre pares do seu clube de leitura e de escrita, perceberem como se insinua a ideia de que o apelo da escrita pode ser um guia para o encontro de si e do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler *O Polaco* de J.M. Coetzee constituiu para os participantes do CLE 60+ uma oportunidade para aprendizagens partilhadas em torno do universo ficcional. Efetivamente, a leitura foi instigada, sob o impulso da mediação, por movimentos de interrogação sobre estratégias de construção ficcional e de posicionamento dos leitores face às mundividências encenadas. Se num primeiro momento, ou andamento, os participantes são unânimes em manifestar um certo desconforto face à leitura da obra,



confirma-se uma progressiva adesão emocional ao jogo ficcional, desde logo potenciada pela estratégia de partilha, em voz alta, de excertos impregnantes para os leitores e de um vai-e-vem sobre o texto para vencer a sua resistência semiótica. Mas também pela procura colaborativa de respostas para a estranheza provocada pela obra, dando-se conta da adesão emocional aos universos textuais. De modo semelhante, também o exercício de escrita das duas cartas, partilhadas no clube, prolonga o diálogo e o encontro com o texto, confirmando o prazer da leitura.

De facto, a exploração mediada das marcas de estranheza, acima enunciadas, as partilhas verbalizadas entre participantes e a escrita de cartas a Coetzee potenciaram a descoberta gratificante de uma obra que, pelo efeito de estranhamento inscrito na materialidade verbal, resiste a uma leitura superficial e que justamente apela a um leitor atento e sofisticado, que aprende a ler como um escritor, porque descobre a gramática da ficção. Assim, face à ambiguidade textual, deliberadamente construída na tessitura da narrativa de Coetzee, os participantes do CLE 60+ corresponderam com as suas hesitações interpretativas sobre a identidade do narrador, explorando como a sua voz se cruza com a voz das personagens, tendo-se, igualmente, posicionado face aos modos ficcionais de tematizar o amor, o valor da arte, da música, as limitações da linguagem e os enigmas e valores da escrita ficcional e da tradução.

O percurso de leituras feito, acima apresentado, indica que os participantes do clube são leitores em construção, mobilizando estratégias de interpretação hermenêutica, de reflexão metaficcional e de colaboração dialógica, assumidas como potenciadoras da fruição leitora e da descoberta dos mistérios da escrita ficcional, de si e dos outros, num exercício amoroso de descoberta, semelhante ao vivido pelas personagens Beatrice e Witold. Projeta-se, assim, a ideia de que a leitura partilhada no âmbito do clube permitiu pensar sobre o amor, a arte e os modos plurais de os dizer, tendo estes sido afirmados como forças identitárias do humano, modos de superar a solidão, a finitude e de ressignificar o sentido da existência humana.

REFERÊNCIAS

Álvarez-Álvarez, C. (2019). A qualitative study on book clubs and dialogic literary gatherings in Spain and Brazil, *Public Library Quarterly*, 38:1, 72-84.

Cândido, A. (2004). *O direito à literatura e outros ensaios*. Angelus Novus.



Castro, R. V.; Sousa, M. L. Hábitos e atitudes de leitura dos estudantes portugueses. In: Castro, R. V.; Sousa, M. L. (Org.). (1998). *Entre linhas paralelas: estudos sobre o português nas escolas*. Angelus Novus, p. 129-147.

Coetzee, J.M. (2023). *O Polaco*. Dom Quixote.

Compagnon, A. (2025). *A literatura, o bem que paga*. Guerra e Paz.

Coutinho, C. P. (2015). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática*. Edições Almedina, S.A.

Eco, U. (2019). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Gradiva.

Gamboa, M.J. (2020). Ler em comunidade: um olhar sobre o clube de leitura e de escrita dos estudantes do Programa 60+ in Lopes, Sousa, J. Santos, M.J., Lopes, M.S.P. M.SP. (org.), 2020, *Emoções, Artes e Intervenção*, (pp. 123-135) Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria.

Jauss, H.-R. (1990). *Pour une esthétique de la réception*. Gallimard.

Martos-Núñez, E. & Campos Fernández-Fígares, M. (2013). *Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura*. Santillana.

McMahon, S. & Raphael, T. (1997). *The book club connection*. International Reading Association.

Nussbaum, M. (2019). *Sem fins lucrativos: Porque precisa a democracia das humanidades*. Edições 70.

Ordine, N. (2016). *A utilidade do inútil. Manifesto*. Faktoria K de Livros.

Petit, M. (2020). *Ler o mundo*. Faktoria.

Reis, C., Grünhagen, S. (Eds.). (2021). *Characters and figures. Conceptual and critical approaches*. Almedina.

Silva, V. A. (2010). *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*. Almedina.

Rosenblatt, L. (1995). *Literature as exploration*. The Modern Language Association of America.